

LIMITES E AVANÇOS NA RESIGNIFICAÇÃO DE NOÇÕES DE RISCO DE CONTÁGIO FRENTE AO HIV/AIDS ENTRE POLICIAIS

Kalline Silva de Moraes⁽¹⁾; Rebeca Silva Bezerra⁽²⁾; Leidyanny Barbosa de Medeiros⁽²⁾; Flávia Maiele Pedrosa Trajano⁽²⁾; Oriana Deyze Correia Paiva Leadebal⁽³⁾; Jordana de Almeida Nogueira⁽³⁾; Maria Eliane Moreira Freire⁽⁴⁾; Ana Cristina de Oliveira e Silva⁽⁴⁾
Centro de Ciências da Saúde/Departamento de Enfermagem Clínica/PROBEX

RESUMO

INTRODUÇÃO: A epidemia da Aids, passados trinta anos dos primeiros casos ocorridos no Brasil, ainda apresenta-se como uma realidade instituída, complexa, multifatorial e em constante mudança em seu perfil de disseminação. Com a evolução temporal e tecnológica, houve importantes avanços científicos, mas também mudanças no perfil epidemiológico, que justificam, na perspectiva da prevenção, a quebra do paradigma da existência de grupos de risco, e mais recentemente de comportamento de risco, dando lugar a valorização do conceito de vulnerabilidade e a compreensão de que todos os indivíduos são vulneráveis à infecção pelo Vírus da Imunodeficiência Humana (HIV). **OBJETIVOS:** Relatar os limites e avanços vivenciados na operacionalização do projeto de extensão intitulado “Resignificando noções de risco de contágio frente HIV/AIDS entre Policiais. **DESCRIÇÃO METODOLÓGICA:** Trata-se de um relato de experiência de atividade de extensão, com abordagem qualitativa, utilizando-se de revisão literária para fundamentar as práticas implementadas, tendo como público-alvo policiais militares e agentes penitenciários do sexo masculino, que trabalham na custódia de presidiários internos em um Hospital estadual de referência para o tratamento de pessoas com Aids. O projeto teve seu início no mês de junho de 2011, com previsão de encerramento para dezembro do mesmo ano. **RESULTADOS:** Quanto aos limites destacam-se: dificuldade de mobilização dos policiais para participação dos encontros semanais, o que vêm demandando investimentos em estratégias de educação em saúde mais atrativas e a expectativa por parte de alguns policiais da atuação do projeto sobre providências não vinculadas aos objetivos propostos e inerentes às condições estruturais de trabalho, sob as quais existem poucas possibilidades de intercessão da extensão. Quanto aos avanços destacam-se: a desmistificação de algumas pré-concepções do risco de contaminação por parte dos participantes, que geravam atitudes discriminatórias quando da interação com os presidiários internados; a auto-reflexão frente aos condicionantes anteriormente categorizados como risco e a desnaturalização do ideário de grupos e comportamentos de risco. A vivência experimentada durante os encontros possibilitou aos docentes e discentes envolvidos no projeto, identificar a presença de conhecimento empírico, embasado no senso comum apontando para a necessidade de inter-relações que favoreçam novos olhares para a problemática.

PALAVRAS-CHAVES: Vulnerabilidade em saúde; Educação em saúde; Síndrome da Imunodeficiência Adquirida;

INTRODUÇÃO

A epidemia da Aids está presente no Brasil há aproximadamente trinta anos e ainda apresenta-se como uma realidade instituída, complexa, multifatorial e em constante mudança em seu perfil de disseminação. Considerada um fenômeno social de grande magnitude, que envolve questões polêmicas e diferentes grupos sociais, impactando princípios morais, religiosos e éticos, procedimentos de saúde pública e de comportamento privado, questões relativas à sexualidade, ao uso de drogas e a moralidade conjugal (SEFFNER, 2005).

Desde seu aparecimento no início da década de 1980, a AIDS tem gerado medos e temores na sociedade, visto que, trata-se de uma doença ainda incurável que se disseminou rapidamente, apresentando uma alta taxa de letalidade, sobretudo na primeira década de sua descoberta, suscitando intensas emoções de pânico, de medo e de contágio na população mundial. Com a evolução temporal e tecnológica, houve importantes avanços científicos no que diz respeito ao HIV/Aids e, especialmente, no que tange às políticas públicas de prevenção e tratamento, de forma que a morte, a que estavam inevitavelmente destinados os portadores do HIV/Aids tem se transformado na possibilidade de poder levar uma vida relativamente normal e com qualidade.

Na perspectiva da prevenção por sua vez, o paradigma da existência de grupos de risco, e mais recentemente de comportamento de risco, dá lugar a valorização do conceito de vulnerabilidade e a compreensão de que todos os indivíduos são vulneráveis à infecção pelo HIV (CARVALHO, GALVÃO, 2010).

De acordo com Ayres *et al*, (2003), a avaliação de vulnerabilidade no plano individual, ocupa-se, basicamente, dos comportamentos que criam a oportunidade de infectar-se e/ou adoecer, nas diversas situações já conhecidas de transmissão do HIV (relação sexual, uso de drogas injetáveis, transfusão sanguínea e transmissão vertical). Considera, entretanto, que os comportamentos associados à maior chance de exposição à infecção, adoecimento ou morte não podem ser entendidos como decorrência imediata e exclusiva da vontade dos indivíduos, mas relacionam-se ao grau de consciência que esses indivíduos têm dos possíveis danos decorrentes de tais comportamentos e, especialmente, ao poder de transformação efetiva de comportamentos a partir dessa consciência.

Considerando que a educação em saúde, em linhas gerais, objetiva interferir sobre o encorajamento das pessoas para adotar e manter padrões de vida saudáveis; usar de forma judiciosa e cuidadosa os serviços de saúde colocados à sua disposição, e tomar suas próprias decisões, tanto individual como coletivamente, visando melhorar suas condições de saúde e as condições do meio ambiente (BRASIL, 2011); propusemo-nos a desenvolver, a partir de um projeto de extensão, um trabalho educativo junto a um grupo de homens que exercem atividades ocupacionais em hospital de referência para tratamento de pessoas com Aids, tendo como foco as “concepções sobre risco de contágio”, e “prevenção da infecção pelo HIV”.

Considerando a importância do processo avaliativo permeando toda a ação como forma de fortalecer o alcance das metas traçadas, nos debruçamos sobre a reflexão dos

limites, bem como dos avanços alcançados pela operacionalização do projeto, na perspectiva de vislumbrar possibilidades de enfrentamentos dos primeiros.

OBJETIVO

Relatar os limites e avanços experienciados na operacionalização do projeto de extensão intitulado “Resignificando Noções de risco de contágio frente HIV/AIDS entre Policiais”, que tem como objetivo geral implementar um programa de educação em saúde com foco na prevenção da infecção pelo HIV entre policiais e agentes penitenciários, do gênero masculino, que trabalham na custódia de presidiários internos em Hospital de Referência para o tratamento de pessoas com Aids.

DESCRIÇÃO METODOLÓGICA

Trata-se de um relato de experiência de atividade de extensão. Para tanto se desenvolveu estudo qualitativo, utilizando-se de revisão literária para fundamentar as práticas implementadas na perspectiva do que se configurou como limite e avanço às atividades propostas pelo projeto, que tem como público-alvo policiais militares e agentes penitenciários do sexo masculino, que trabalham na custódia de presidiários internos em um Hospital estadual de referência para o tratamento de pessoas com AIDS. O citado projeto vem sendo desenvolvido desde o mês de junho, através de encontros semanais, com previsão de encerramento para dezembro de 2011.

RESULTADOS

Dois momentos caracterizam a dinâmica do projeto, a saber: o primeiro consiste em planejamento e avaliação das atividades realizadas nos encontros semanais, envolvendo a participação dos discentes e docentes vinculados ao projeto; o segundo consiste nos encontros semanais com o público-alvo. Neste último, os policiais e agentes penitenciários de plantão são abordados pelas extensionistas que apresentam os objetivos do projeto e os convidam para uma conversa sobre o assunto “risco de contaminação para o HIV/Aids” em uma sala ampla, climatizada, cedida pela instituição de saúde, e que dispõe de recursos de multimídia para o desenvolvimento das atividades que inclui quatro pilares: Dinâmica a fim de motivar o envolvimento dos integrantes do grupo e que permitam a introdução da discussão sobre “contágio”, “atitudes de prevenção”, “preconceito”. Avaliação diagnóstica da compreensão e experiências de vida dos policiais relacionadas ao conteúdo selecionado. Instrumentalização do conteúdo utilizando-se a roda de conversa enquanto metodologia de educação em saúde. A avaliação do encontro pelos próprios policiais.

Considerando-se que a avaliação configura-se como elemento fundamental às práticas de projeto no sentido de subsidiar os planejamentos e maximizar a efetividade das ações propostas, as proposições da análise dos limites ao projeto apontam para condições cuja discussão é apresentada a seguir:

Limites:

- Dificuldade da mobilização dos sujeitos foco das ações para participação dos encontros semanais, para além das expectativas do grupo;

No campo das masculinidades, alguns estudos apontam que os homens apresentam um déficit de autocuidado e tem pouca preocupação com assuntos que dizem respeito à saúde, o que pode justificar a resistência evidenciada pelo grupo. Fato que vêm demandando investimentos em estratégias de educação mais atrativas aos homens, a exemplo de jogos que envolvam a temática, foco do projeto. A busca por tais estratégias se justifica, tendo em vista que estudiosos das articulações entre masculinidades e saúde afirmam que os valores que regem a masculinidade hegemônica geram comportamentos que podem ser danosos à saúde dos homens e daqueles com quem eles interagem (FIGUEIREDO; SCHRAIBER, 2011). Tais valores contribuem para o surgimento de fatores de risco importantes para o adoecimento, a exemplo da exposição ao HIV. A identidade masculina, neste sentido constitui um “fator de risco” para a saúde do homem, na medida em que eles não adotam comportamentos de prevenção e controle de doença (VILLELA, 2005).

Diante da resistência apresentada por parte dos policiais e da inquietação do grupo ocasionada por tal situação, já que havia expectativa de atingir um público-alvo semanalmente significativo em termos de quantidade, sentimos a necessidade de buscar estratégias que viabilizassem nossos encontros e promovesse uma maior aceitação e mobilização dos policiais e agentes. Ao serem convidados estes eram esclarecidos que não se tratava de palestras, já que estas visivelmente eram pouco atrativas pelo caráter de aprendizagem verticalizada, e que, ao final, resguardam poucas contribuições em termos de sensibilização e mudança de atitudes.

Ainda na tentativa de alcançar um público maior, optamos por investir na divulgação dos encontros, construindo um folder convidativo e solicitando aqueles que participavam dos encontros que recomendassem o projeto a outros colegas que estivessem escalados para a custódia nos dias de operacionalização do projeto.

- Expectativa, por parte de alguns, de atuação do projeto sobre providências não vinculadas aos objetivos propostos e inerentes às condições estruturais de trabalho, sob as quais existem poucas possibilidades de intercessão da extensão.

A metodologia selecionada para subsidiar os encontros, na medida em que favorece um ambiente participativo, valoriza as vivências e abre espaço para a discussão democrática de demandas singulares e coletivas; suscetibiliza o projeto a expectativas que extrapolam nossas possibilidades de intervenção, a exemplo da reivindicação por mudanças estruturais relacionadas à melhoria nas condições de segurança. Este fato tem requerido reflexão por

parte da equipe executora, no sentido de enxergar possibilidades de enfrentamento, já que a demanda não valorizada certamente repercutirá negativamente sobre a construção do vínculo com o público-alvo, resguardando prejuízos significativos sobre o alcance das ações do projeto.

Avanços

Por parte do público-alvo:

- Desmistificação de algumas pré-concepções do risco de contaminação por parte dos participantes, que geravam atitudes discriminatórias quando da interação com os presidiários internados.

A partir do momento que a Aids ganhou característica de epidemia surgiu com isso diversos desafios no campo das ciências, não só médicas, mas também sociais, sendo um dos principais problemas o preconceito gerado, que vem acompanhado de um emaranhado de mitos e tabus que assolam tal doença. A Aids trouxe ao mundo não somente mais uma doença considerada sem cura que ainda causa medo e pânico na população, mas principalmente um fator de total rediscussão de conceitos, preconceitos e comportamentos individuais e coletivos, sujeitando a sociedade a rever seus conceitos e atentar para tudo aquilo que todos se recusavam a ver: a desigualdade, o preconceito, a hipocrisia, a falência do sistema de saúde, a incoerência da justiça, a fragilidade das relações pessoais, *etc* (BRASIL, 2008).

No próprio ambiente hospitalar, que se propõe à assistência à saúde das pessoas com Aids, a discriminação se fez presente devido também à falta de conhecimento sobre condutas pertinentes de precauções contra a infecção, sobretudo do HIV. Considerando-se ainda que muitos dos policiais, especialmente aqueles admitidos em períodos mais remotos, não participaram de nenhuma capacitação para o trabalho em instituição de saúde, reclamaram por intervenções do projeto desde atitudes exageradas, até a inexpressão de atitudes necessárias, o que justifica o enfoque das formas de transmissão e prevenção do HIV em todos os encontros implementados, com vistas a desmistificar paradigmas ainda arraigados no campo das atitudes, a exemplo do receio de contágio frente ao contato direto com a pele não lesionada, assentos de ônibus, uso compartilhado de toalhas, dentre outros.

- A vivência favoreceu a auto-reflexão e permitiu para além do exercício das atividades de custódia identificar as condições de vulnerabilidade individual a que estão expostos.

O conceito de vulnerabilidade ao HIV/Aids, em linhas gerais deve ser compreendido como um esforço de produção e difusão de conhecimento, debate e ação sobre os diferentes graus e naturezas de suscetibilidade de indivíduos e coletividades à infecção, adoecimento e morte pelo HIV, segundo particularidades formadas pelo conjunto dos aspectos individuais, sociais, e programáticos que os põem em relação com o problema e com os recursos para seu enfrentamento (NOGUEIRA, 2010). Daí a importância de discutirmos inicialmente as possibilidades de contaminação considerando o fator ocupacional, mas estendendo a discussão para os aspectos individuais, visto que a vulnerabilidade não está presente apenas no âmbito de trabalho, mais primordialmente na vida pessoal.

- Descaracterização das concepções ainda vigentes de grupos e comportamentos de risco

Desde o seu aparecimento, o HIV/Aids representa uma trama de mitos e tabus criados pela sociedade, gerando medos e tremores por parte da população. Diante do que até então ainda torna-se desconhecido para o mundo, a Aids se configurava em uma representação de doença contagiosa, incurável e atrelada à morte imediata, sendo característica de certos grupos da sociedade como os homossexuais, usuários de drogas injetáveis e as prostitutas. (ALMEIDA; LABRONICI, 2007). Mesmo com o passar das décadas e com os avanços tecnológicos, que possibilitam uma melhor qualidade de vida para pessoas que vivem com o HIV, muitos ainda resguardam imagens estereotipadas acerca do HIV/Aids e restringem a vulnerabilidade a um grupo reservado de pessoas.

Era perceptível que a maioria daqueles que participavam dos encontros ainda associavam à imagem da pessoa com HIV/Aids à debilidade e deformação física, e a determinados grupos. Este fato demandou investimentos na desconstrução desta imagem estereotipada, e no fortalecimento das concepções de vulnerabilidade.

- Por parte dos extensionistas

Ao depararmos com as dificuldades e os obstáculos que surgiram no desenvolver do projeto, foi perceptível o crescimento de toda a equipe. As atitudes de enfrentamento dos obstáculos fomentaram uma visão mais ampla da problemática recortada “Vulnerabilidade Individual para o HIV/Aids”, instigaram a construção de conhecimentos, despertaram atitudes, reflexão e discussão para além do campo da educação em saúde. Neste sentido toda a experiência é avaliada positivamente, visto que os limites revelaram-se desafios, e possibilitaram aprendizado significativo.

CONCLUSÃO

Considerando que vulnerabilidade individual envolve tanto a dimensão cognitiva quanto a comportamental, estando associada às informações sobre a doença, percepção de risco, valores e crenças, que determinarão as formas de prevenir a contaminação e a possibilidade de execução de práticas seguras; acredita-se que o presente projeto tem estimulado a resignificação das concepções sobre contágio do HIV por parte dos policiais e incitado a reflexão destes sobre os aspectos individuais que os colocam em situação de vulnerabilidade à infecção.

Além disto, o projeto vem contribuindo também com a construção de competências, conhecimento, habilidades e atitudes para educação em saúde junto às docentes e discentes participantes do projeto, instrumentalizando a formação de profissionais responsivos às demandas atuais da promoção à saúde, e desta forma fortalecendo o processo de ensino na perspectiva da aprendizagem significativa.

Avalia-se, portanto, que mesmo diante dos obstáculos vivenciados pela equipe do projeto, as ações direcionadas a esse público-alvo são de relevância significativa considerando-se a vulnerabilidade existente, bem como os avanços alcançados em direção ao

enfrentamento desta. Os benefícios perpassam pelo estímulo a aprendizagem significativa, a solução de problemas que demandam raciocínio críticos e a reflexão sobre responsabilidades da enfermagem na perspectiva do cuidado às pessoas, considerando-se suas necessidades individuais e coletivas; o que torna a experiência enriquecedora para todos os atores envolvidos.

REFERÊNCIAS

- AYRES, J. C. *et al.* Adolescência e AIDS: avaliação de uma experiência de educação preventiva entre pares. **Interface**, v.7, n.12, p.113-128, 2003.
- ALMEIDA, M. R. C. B.; LABRONICI, L. M. A trajetória silenciosa de pessoas portadoras do HIV contada pela história oral. **Ciência e Saúde Coletiva**. Rio de Janeiro, v.12, n.1, jan./mar., 2007.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Programa Nacional de DST e Aids. **Direitos Humanos e HIV/Aids: avanços e perspectivas para o enfrentamento da epidemia no Brasil** / Ministério da Saúde, Secretaria de Vigilância em Saúde, Programa Nacional de DST e Aids. — Brasília : Ministério da Saúde, 2008.168 p.
- FIGUEIREDO, W. S.; SCHRAIBER, L. B. **Masculinidades e Saúde: construindo gênero e (des)cuidando da saúde**. Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo. Departamento de Medicina Preventiva. Disponível em <http://redmasculinidades.com/resource/images/BookCatalog/Doc/00137.pdf>. Acesso em 16 set 2011.
- VILLELA, W. Gênero, saúde dos homens e masculinidades. **Ciência & Saúde Coletiva**, São Paulo. v.10, n.1, p. 18 – 34, 2005.
- NOGUEIRA, J. de A. **Vulnerabilidades individual, social e programática ao hiv/aids: articulando saberes, modificando fazeres**. Universidade Federal da Paraíba – UFPB, 2010.
- CARVALHO, C. M. de L.; GALVÃO, M. T. G. Sentimentos de culpa atribuídos por mulheres com AIDS face a sua doença. *Rev. Rene*. Fortaleza, v. 11, n. 2, p. 103-111, abril./jun. 2010.
- SEFFNER, F. **Atividade profissional e aids: Impacto das situações de morte civil e morte anunciada**. 2005. Disponível em: <http://www.unilasalle.edu.br/seffner/artigo02.htm> . Acesso em 2 de maio de 2009.